

EPÍGRAFES FRANCESAS/EM FRANCÊS NO ROMANTISMO BRASILEIRO

Maria Cláudia Rodrigues Alves (UNESP/IBILCE)

O uso das epígrafes sempre foi uma forma de os escritores brasileiros demonstrarem sua admiração pelos escritores estrangeiros, sobretudo franceses. Prática retomada no século XVIII em literatura e, no Brasil, por nossos Arcades, encontra seu apogeu no século XIX. Os escritores românticos brasileiros foram grandes utilizadores desse recurso de inclusão do paratexto. Trechos de escritores franceses ou mesmo de outra nacionalidade, porém, em francês, sobejam em obras do século XIX no Brasil. Se por um lado, no decorrer do Romantismo brasileiro, observa-se que esse procedimento foi pouco a pouco se diluindo, por outro lado, pode-se ainda facilmente verificar, em um rápido levantamento, que a porcentagem de epígrafes francesas/em francês foi extremamente importante até o final do século. Gonçalves Dias epigrafou 95 vezes seus escritos e as epígrafes francesas/em francês (33) são superiores às de língua portuguesa (21). Já em Álvares de Azevedo, encontramos 125 textos epigrafados, dos quais 43 são de origem francesa. Das aproximadamente 70 epígrafes encontradas na obra em Castro Alves, quinze são em língua estrangeira, sendo dez em francês. Inicialmente cremos que o uso de epígrafes traduz uma homenagem, já que o conceito de imitação passa pela admiração, respeito, consideração pelo “imitado”. Trata-se de uma reverência que deve aproximar epigrafador de epigrafado, constatando uma afinidade e, com certeza, a revelação de um precursor. O autor epigrafador confere também autoridade canônica ao autor epigrafado, elemento importante na busca da identidade literária brasileira. Homenageando-o, o escritor brasileiro revitaliza igualmente a obra do artista epigrafado e avaliza, assim, sua própria obra. Ao fornecer um panorama desse recurso literário, observando mais atentamente a relação que se estabelece entre texto epigrafado e texto nacional, interessa-nos verificar de que maneira os escritores brasileiros evoluíram, tornando-se mais ousados, passando da admiração e homenagem a uma certa antropofagia literária, precursora de nosso Modernismo.

Palavras-chave: Epígrafes. Romantismo. Século XIX. Presença francesa. Literatura Brasileira.

Em ensaio denominado “Victor Hugo e a poesia brasileira” (2003), Maria Cecília de Moraes Pinto afirma que: “O Romantismo, no Brasil e nos países da América de língua espanhola, de maneira geral, atende a um desejo de renovação e de ruptura centrado nos movimentos de independência” (PINTO, 2003, p.117). Imbuídos desse espírito, selecionamos, no âmbito de nossa pesquisa que se constitui mais ampla, três poemas brasileiros de três poetas, cada um representativo de uma fase do Romantismo brasileiro, a saber: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo e Castro Alves; no intuito de observar esse “desejo de renovação e ruptura” e sua evolução no Brasil.

No ensaio, a autora ainda declara que “lembra-se a presença cultural e artística da França em nosso país, desde o início do século XIX, enquanto elemento novo buscado fora do núcleo colonizador. É dentro desse processo que inúmeras referências textuais indicam a presença de Victor Hugo entre nós” (PINTO, 2003, p.117). Assim, as epígrafes hugoanas (ou mesmo, curiosamente, sua ausência), nos poemas selecionados, terão grande importância em nosso percurso, atentando para a afirmação de Pierre Rivas sobre a “inspiração” de fonte francesa/europeia em nossos poetas românticos, pois: “o *détour* europeu é uma busca para o *retour* a si mesmo” (RIVAS, 1993, p. 102).

Observemos inicialmente que há na obra de Gonçalves Dias um total de 95 epígrafes, sendo 33 em francês, 21 em português, 11 em latim, 10 em espanhol, 9 em inglês, 6 em italiano e 5 em alemão. Das 33 epígrafes em francês, 9 são extraídas da obra de Victor Hugo. No entanto, salta aos olhos, um poema que não traz epígrafe do poeta francês, trata-se de “A tempestade”, publicado nos *Segundos Cantos*, de 1848. A epígrafe é extraída de obra de Alexandre Herculano, de um poema do mesmo nome “A tempestade”, presente em *A harpa do crente*, de 1838, segundo nossas pesquisas. Mas, sobretudo, comparemos simplesmente sua forma com o poema “*Les Djinns*”, de Victor Hugo:

<p>A Tempestade <i>Quem porfiar contigo... ousara Da glória o poderio; Tu que fazes gemer pendido o cedro, Turbar-se o claro rio? A. HERCULANO</i></p> <p>Um raio Fulgura No espaço Esparso,</p>	<p>XXVIII - Les Djinns</p> <p><i>Murs, ville, Et port, Asile De mort, Mer grise Où brise La brise ; Tout dort.</i></p>
---	---

<p>De luz; E trêmulo E puro Se aviva, S'esquiva Rutila, Seduz!</p> <p>Vem a aurora Pressurosa, Cor de rosa, Que se cora De carmim; A seus raios As estrelas, Que eram belas, Tem desmaios, Já por fim.</p> <p>O sol desponta Lá no horizonte, Doirando a fonte, E o prado e o monte E o céu e o mar; E um manto belo De vivas cores Adorna as flores, Que entre verdores Se vê brilhar.</p> <p>Um ponto aparece, Que o dia entristece, O céu, onde cresce, De negro a tingir; Oh! vede a procela Infrene, mas bela, No ar s'encapela Já pronta a rugir! Não solta a voz canora No bosque o vate alado, Que um canto d'inspirado Tem sempre a cada aurora; É mudo quanto habita Da terra n'amplidão. A coma então luzente Se agita do arvoredo, E o vate um canto a medo Desfere lentamente, Sentindo opresso o peito De tanta inspiração.</p> <p>Fogem do vento que ruge As nuvens aurinevadas, Como ovelhas assustadas Dum fero lobo cervical;</p>	<p><i>Dans la plaine Naît un bruit. C'est l'haleine De la nuit. Elle brame Comme une âme Qu'une flamme Toujours suit.</i></p> <p><i>La voix plus haute Semble un grelot. - D'un nain qui saute C'est le galop : Il fuit, s'élançe, Puis en cadence Sur un pied danse Au bout d'un flot.</i></p> <p><i>La rumeur approche ; L'écho la redit. C'est comme la cloche D'un couvent maudit ; - Comme un bruit de foule, Qui tonne et qui roule, Et tantôt s'écroule Et tantôt grandit.</i></p> <p><i>Dieu ! la voix sépulcrale Des Djinns !...- Quel bruit ils font ! Fuyons sous la spirale De l'escalier profond ! Déjà s'éteint ma lampe ; Et l'ombre de la rampe, Qui le long du mur rampe, Monte jusqu'au plafond.</i></p> <p><i>C'est l'essaim des Djinns qui passe, Et tourbillonne en sifflant. Les ifs, que leur vol fracasse, Craquent comme un pin brûlant. Leur troupeau lourd et rapide Volant dans l'espace vide, Semble un nuage livide Qui porte un éclair au flanc.</i></p> <p><i>Ils sont tout près ! - Tenons fermée Cette salle où nous les narguons. Quel bruit dehors ! hideuse armée De vampires et de dragons ! La poutre du toit descellée Ploie ainsi qu'une herbe mouillée, Et la vieille porte rouillée Tremble, à déraciner ses gonds !</i></p>
---	---

Estilham-se como as velas
Que no alto mar apanha,
Ardendo na usada sanha,
Subitâneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
Em nós emaranha, — salgadas
As ondas s'estanham, pesadas
Batendo no frouxo areal.
Disseras que viras vagando
Nas furnas do céu entreabertas
Que mudas fuzilam, — incertas
Fantasmas do gênio do mal!

E no túrgido ocaso se avista
Entre a cinza que o céu apolvilha,
Um clarão momentâneo que brilha,
Sem das nuvens o seio rasgar;
Logo um raio cintila e mais outro,
Ainda outro veloz, fascinante,
Qual centelha que em rápido instante
Se converte d'incêndios em mar.

Um som longínquo cavernoso e ouco
Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
Que alpestres cimos mais veloz percorre,
Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco
Do Norte ao Sul, — dum ponto a outro
corre:
Devorador incêndio alastra os ares,
Enquanto a noite pesa sobre os mares.

Nos últimos cimos dos montes erguidos
Já silva, já ruge do vento o pegão;
Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
Até que lascados baqueiam no chão.

Remexe-se a copa dos troncos altivos,
Transtorna-se, tolda, baqueia também;
E o vento, que as rochas abala no cerro,
Os troncos enlaça nas asas de ferro,
E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
Rasga-se o negro bojo carregado,
E enquanto a luz do raio o sol roxeia,
Onde parece à terra estar colado,
Da chuva, que os sentidos nos enleia,
O forte peso em turbilhão mudado,
Das ruínas completa o grande estrago,
Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retumbante,

*Cris de l'enfer ! voix qui hurle et qui pleure !
L'horrible essaim, poussé par l'aquilon,
Sans doute, ô ciel ! s'abat sur ma demeure.
Le mur fléchit sous le noir bataillon.
La maison crie et chancelle penchée,
Et l'on dirait que, du sol arrachée,
Ainsi qu'il chasse une feuille séchée,
Le vent la roule avec leur tourbillon !*

*Prophètes ! si ta main me sauve
De ces impurs démons des soirs,
J'irai prosterner mon front chauve
Devant tes sacrés encensoirs !
Fais que sur ces portes fidèles
Meure leur souffle d'étincelles,
Et qu'en vain l'ongle de leurs ailes
Grince et crie à ces vitraux noirs !*

*Ils sont passés ! - Leur cohorte
S'envole et fuit, et leurs pieds
Cessent de battre ma porte
De leurs coups multipliés.
L'air est plein d'un bruit de chaînes,
Et dans les forêts prochaines,
Frissonnent tous les grands chênes,
Sous leur vol de feu pliés !*

*De leurs ailes lointaines
Le battement décroît,
Si confus dans les plaines,
Si faible que l'on croit
Oùir la sauterelle
Crier d'une voix grêle,
Ou pétiller la grêle,
Sur le plomb d'un vieux toit.*

*D'étranges syllabes
Nous viennent encor ; -
Ainsi, des Arabes
Quand le cor sonne,
Un chant sur la grève,
Par instants s'élève,
Et l'enfant qui rêve
Fait des rêves d'or !*

*Les Djinns funèbres,
Fils du trépas,
Dans les ténèbres
Pressent leurs pas ;
Leur essaim gronde :
Ainsi, profonde,
Murmure une onde
Qu'on ne voit pas.*

Ce bruit vague

Inda o raio fuzila no espaço,
E o corisco num rápido instante
Brilha, fulge, rutila, e fugiu.
Mas se à terra desceu, mirra o tronco,
Cega o triste que iroso ameaça,
E o penedo, que as nuvens devassa,
Como tronco sem viço partiu.

Deixando a palhoça singela,
Humilde labor da pobreza,
Da nossa vaidosa grandeza,
Nivela os fastígios sem dó;
E os templos e as grimpas soberbas,
Palácio ou mesquita preclara,
Que a foice do tempo poupara,
Em breves momentos é pó.
Cresce a chuva, os rios crescem,
Pobres regatos s'empolam,
E nas turvam ondas rolam
Grossos troncos a boiar!
O córrego, qu'inda há pouco
No torrado leito ardia,
É já torrente bravía,
Que da praia arreda o mar.

Mas ai do desditoso,
Que viu crescer a enchente
E desce descuidoso
Ao vale, quando sente
Crescer dum lado e d'outro
O mar da aluvião!
Os troncos arrancados
Sem rumo vão boiantes;
E os tetos arrasados,
Inteiros, flutuantes,
Dão antes crua morte,
Que asilo e proteção!

Porém no ocidente
S'ergue de repente
O arco luzente,
De Deus o farol;
Sucedem-se as cores,
Qu'imitam as flores
Que sembram primores
Dum novo arrebol.

Nas águas pouasa;
E a base viva
De luz esquiva,
E a curva altiva
Sublima ao céu;
Inda outro arqueia,
Mais desbotado,
Quase apagado,

*Qui s'endort,
C'est la vague
Sur le bord ;
C'est la plainte
Presque éteinte
D'une sainte
Pour un mort.*

*On doute
La nuit...
J'écoute : -
Tout fuit,
Tout passe ;
L'espace
Efface
Le bruit*

<p>Como embotado De t�nue véu.</p> <p>Tal a chuva Transparece, Quando desce E ainda v�-se O sol luzir; Como a virgem, Que numa hora Ri-se e cora, Depois chora E torna a rir.</p> <p>A folha Luzente Do orvalho Nitente A gota Retrai: Vacila, Palpita; Mais grossa Hesita, E treme E cai.</p>	
--	--

Victor Hugo traz em seu poema um tema mitológico. Os *djinnns*, ou g nios, são criaturas mágicas, sobrenaturais, da tradi o  rabe, islâmica, semítica. A forma do poema acompanha, num *crescendo*, a chegada, passagem e desaparecimento das criaturas no turbilhão de sua algazarra. O mesmo acontece em “A tempestade”, de Gonçalves Dias. E podemos dizer que não se trata de uma coincidência, pois, há DUAS epígrafes hugoanas nos Segundos Cantos, extraídas de obras que antecederam a coletânea em que figura “*Les Djinnns*”: Um trecho extraído de *Odes e Balades*, de 1826, utilizado como epígrafe do poema “A um poeta exilado” e versos traduzidos de Victor Hugo, para epigrafar a poesia “As duas amigas”. Sabemos igualmente que Gonçalves Dias foi leitor de *Odes et ballades*, pois no poema “Soldado espanhol” dos *Primeiros Cantos* ele lança mão de vasta prática epigrafária hugoana com origem na obra de 1826. Portanto,   not rio que Gonçalves Dias foi grande leitor de Victor Hugo. Lançamos pois a hipótese: que neste primeiro exemplo, embora Gonçalves Dias não tenha utilizado em seus poemas nenhum trecho de *Les Orientales*, onde figura “*Les Djinnns*”, consiste no que a Profa. Maria Cecília denominou “fase de transio” do desejo de renovao e

ruptura. Nesse sentido, é muito significativo que a epígrafe do poema origine-se justamente da obra de um poeta português, marcando ainda o vínculo e a admiração, sem rejeição (por quê não?) de Gonçalves Dias por Alexandre Herculano. No entanto, a transferência do modelo é flagrante quando observamos a forma do poema brasileiro e sua motivação: a chegada de uma tempestade tropical ao compararmos ao recurso estético formal estética do poeta francês. Dessa forma, temos os “resíduos” do modelo português e, no decalque formal, a tímida ainda adesão ao modelo francês. Mas o que teria “A tempestade” de diferente, de original? Enquanto o poeta francês, de uma cultura central, permite-se perambular pelo universo mitológico oriental, o poeta brasileiro segue um projeto de fundação de uma estética nacional, representado em seu momento pela exploração dos elementos locais (segundo recomendações de Mme. de Staël – Literaturas do Norte e do Sul – e, provavelmente, do historiador Ferdinand Denis).

Passando ao segundo poema, observamos em Álvares de Azevedo, a utilização de 125 epígrafes, havendo uma preferência por Byron (18) e Shakespeare (17). No entanto, após esses dois ingleses, são os franceses que predominam: Victor Hugo (8), George Sand (6), Théophile Gautier (6), Lamartine (5), Musset (4). E embora tenhamos a tendência a considerar, de uma forma bastante clichê, Álvares de Azevedo como uma jovem poeta meio inconsequente, cremos estar em sua obra a maior quantidade de sutileza e experimentação sobre a utilização de epígrafes e o projeto de literatura nacional.

No poema “Na minha terra”, cuja epígrafe é extraída de um poema de amor de Victor Hugo, “*Hier la nuit d’été, qui nous prêtait ses voiles*”, a própria terra é erotizada, sensualizada, e por “terra”, podemos entender a pátria também. Enquanto o eu lírico de Victor Hugo declara-se a sua amada, em carne e osso num cenário idílico, em meio à natureza, Álvares declara-se, amorosamente, à sua terra, ao Brasil. Temos um tratamento especular, de uma estratégia ousada, sutil e manifesta. Eis o poema brasileiro e o francês de onde foi retirado o trecho que serviu de epígrafe:

<p style="text-align: center;">Na minha terra</p> <p><i>Laisse-toi donc aimer ! - Oh ! l'amour, c'est la vie. C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner.</i></p> <p>.....</p> <p><i>La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne : Laisse-toi couronner !</i></p> <p style="text-align: right;">Victor Hugo</p>	<p style="text-align: center;">Que me importa? se as tardes purpurinas E as auroras dali Não deram luz às diáfnas cortinas Do leito onde eu nasci?</p> <p style="text-align: center;">Se adormeço tranqüilo no teu seio E perfuma-se a flor,</p>	<p style="text-align: center;">Hier, la nuit d’été, qui nous prêtait ses voiles</p> <p>Hier, la nuit d’été, qui nous prêtait ses voiles, Était digne de toi, tant elle avait d’étoiles! Tant son calme était frais ! tant son souffle était doux! Tant elle éteignait bien ses rumeurs apaisées ! Tant elle répandait d’amoureuses rosées Sur les fleurs et sur nous !</p>
--	--	---

<p>I</p> <p>Amo o vento da noite sussurrante A tremer nos pinheiros E a cantiga do pobre caminhante No rancho dos tropeiros;</p> <p>E os monótonos sons de uma viola No tardio verão, E a estrada que além se desenrola No véu da escuridão;</p> <p>A restinga d'areia onde rebenta O oceano a bramir, Onde a lua na praia macilenta Vem pálida luzir;</p> <p>E a névoa e flores e o doce ar cheiroso Do amanhecer na serra, E o céu azul e o manto nebuloso Do céu de minha terra;</p> <p>E o longo vale de florinhas cheio E a névoa que desceu, Como véu de donzela em branco seio, As estrelas do céu.</p> <p>II</p> <p>Não é mais bela, não, a argêntea praia Que beija o mar do sul, Onde eterno perfume a flor desmaia E o céu é sempre azul;</p> <p>Onde os serros fantásticos roxeiam Nas tardes de verão E os suspiros nos lábios incendeiam E pulsa o coração!</p> <p>Sonho da vida que doirou e azula A fada dos amores, Onde a mangueira ao vento que tremula Sacode as brancas flores...</p> <p>E é saudoso viver nessa dormência Do lânguido sentir, Nos enganos suaves da existência Sentindo-se dormir...</p> <p>Mais formosa não é, não doire embora O verão tropical Com seus rubores... a alvacenta aurora Da montanha natal...</p> <p>Nem tão doirada se levante a lua Pela noite do céu, Mas venha triste, pensativa e nua Do prateado véu...</p>	<p>Que Deus abriu no peito do poeta, Gotejante de amor?</p> <p>Minha terra sombria, és sempre bela, Inda pálida a vida Como o sono inocente da donzela No deserto dormida!</p> <p>No italiano céu nem mais suaves São da noite os amores, Não tem mais fogo o cântico das aves Nem o vale mais flores!</p> <p>III</p> <p>Quando o gênio da noite vaporosa Pela encosta bravia Na laranjeira em flor toda orvalhosa De aroma se inebria...</p> <p>No luar junto à sombra recendente De um arvoredo em flor, Que saudades e amor que influi na mente Da montanha o frescor!</p> <p>E quando, à noite no luar saudoso Minha pálida amante Ergue seus olhos úmidos de gozo E o lábio palpitante...</p> <p>Cheia da argêntea luz do firmamento, Orando por seu Deus, Então... eu curvo a fronte ao sentimento Sobre os joelhos seus...</p> <p>E quando sua voz entre harmonias Sufoca-se de amor E dobra a fronte bela de magias Como pálida flor...</p> <p>E a alma pura nos seus olhos brilha Em desmaiado véu, Como de um anjo na cheirosa trilha Respiro o amor do céu!</p> <p>Melhor a viração uma por uma Vem as folhas tremer, E a floresta saudosa se perfuma Da noite no morrer...</p>	<p>Moi, j'étais devant toi, plein de joie et de flamme, Car tu me regardais avec toute ton âme ! J'admirais la beauté dont ton front se revêt. Et sans même qu'un mot révélat ta pensée, La tendre rêverie en ton coeur commencée Dans mon coeur s'achevait !</p> <p>Et je bénissais Dieu, dont la grâce infinie Sur la nuit et sur toi jeta tant d'harmonie, Qui, pour me rendre calme et pour me rendre heureux, Vous fit, la nuit et toi, si belles et si pures, Si pleines de rayons, de parfums, de murmures, Si douces toutes deux !</p> <p>Oh oui, bénissons Dieu dans notre foi profonde ! C'est lui qui fit ton âme et qui créa le monde ! Lui qui charme mon coeur ! lui qui ravit mes yeux ! C'est lui que je retrouve au fond de tout mystère ! C'est lui qui fait briller ton regard sur la terre Comme l'étoile aux cieux !</p> <p>C'est Dieu qui mit l'amour au bout de toute chose, L'amour en qui tout vit, l'amour sur qui tout pose ! C'est Dieu qui fait la nuit plus belle que le jour. C'est Dieu qui sur ton corps, ma jeune souveraine, A versé la beauté, comme une coupe pleine, Et dans mon coeur l'amour !</p> <p>Laisse-toi donc aimer ! - Oh ! l'amour, c'est la vie. C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner. Sans lui rien n'est complet, sans lui rien ne rayonne. La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne : Laisse-toi couronner !</p> <p>Ce qui remplit une âme, hélas ! tu peux m'en croire, Ce n'est pas un peu d'or, ni même un peu de gloire, Poussière que l'orgueil rapporte des combats, Ni l'ambition folle, occupée aux chimères, Qui ronge tristement les écorces amères Des choses d'ici-bas ;</p> <p>Non, il lui faut, vois-tu, l'hymen de deux pensées, Les soupirs étouffés, les mains longtemps pressées, Le baiser, parfum pur, enivrante liqueur, Et tout ce qu'un regard dans un regard peut lire, Et toutes les chansons de cette douce lyre Qu'on appelle le coeur !</p> <p>Il n'est rien sous le ciel qui n'ait sa loi secrète, Son lieu cher et choisi, son abri, sa retraite, Où mille instincts profonds nous fixent nuit et jour ; Le pêcheur a la barque où l'espoir l'accompagne, Les cygnes ont le lac, les aigles la montagne, Les âmes ont l'amour !</p> <p style="text-align: right;">21 mai 1833 Victor Hugo – <i>Les chants du crépuscule</i></p>
---	--	--

Em aparente falta de relação entre o poema brasileiro e o francês, permanece a clara exaltação da natureza como ponto em comum. A transformação operada por Álvares demanda esforços de seu leitor para ver além desse óbvio vínculo inicial. Por isso, cremos que a poética de Álvares, antes de ser considerada meramente ingênua,

deva ser apreciada como uma destemida tentativa de ruptura e renovação dos paradigmas nacionais vigentes.

Se em Álvares prima uma elegante sutileza, o que dizer do descaramento que temos no poema “A criança”, de Castro Alves? De 68 epígrafes elencadas em poemas de Castro Alves, 34 são em português, 25 em francês. Não que a prática epigrafária decaia, cremos antes que muda apenas o tratamento dado à epígrafe, ao autor epigrafado.

XVIII

L'ENFANT

O horror ! horror ! horror !
SHAKESPEARE. Macbeth.

Les Turcs ont passé là. Tout est ruine et deuil.
Chio, l'île des vins, n'est plus qu'un sombre écueil,
Chio, qu'ombrageaient les charmilles,
Chio, qui dans les flots reflétait ses grands bois,
Ses coteaux, ses palais, et le soir quelquefois
Un choeur dansant de jeunes filles.

Tout est désert. Mais non; seul près des murs noircis,
Un enfant aux yeux bleus, un enfant grec, assis,
Courbait sa tête humiliée;
Il avait pour asile, il avait pour appui
Une blanche aubépine, une fleur, comme lui
Dans le grand ravage oubliée.

Ah! Pauvre enfant, pieds nus sur les rocs anguleux!
Hélas! pour essuyer les pleurs de tes yeux bleus
Comme le ciel et comme l'onde,
Pour que dans leur azur, les larmes orangees,
Passe le vif éclair de la joie et des jeux,
Pour relever ta tête blonde,

Que veux-tu? Bel enfant, que te faut-il donner
Pour rattacher gaîment et gaîment ramener
En boucles sur ta blanche épaule
Ces cheveux, que du fer n'ont pas subi l'affront,
Et qui pleurent épars partout de ton beau front,
Comme les feuilles sur le saule?

Qui pourrait dissiper tes chagrins nébuleux ?
Es-ce d'avoir ce lys, bleu comme tes yeux bleus,
Qui d'Iran borde le puits sombre ?
Ou le fruit de tuba, de cet arbre si grand,
Qu'un cheval au galop met, toujours en courant,
Cent ans à sortir de son ombre ?

A CRIANÇA

Que veux-tu ? fleur, beau fruit, ou l'oiseau merveilleux ?
Ami, dit l'enfant grec, dit l'enfant aux yeux bleus,
Je veux de la poudre et des balles.
Victor Hugo (*Les Orientales*)

Que tens criança? O areal da estrada
Luzente a cintilar
Parece a folha ardente de uma espada.
Tine o sol nas savanas. Morno é o vento.
À sombra do palmar
O lavrador se inclina sonolento.

É triste ver uma alvorada em sombras,
Uma ave sem cantar,
O veado estendido nas alfombras.
Mocidade, és a aurora da existência,
Quero ver-te brilhar.
Canta, criança, és a ave da inocência.

Tu choras, porque um ramo de baunilha
Não pudeste colher,
Ou pela flor gentil da granadilha?
Dou-te, um ninho, uma flor, dou-te uma palma,
Para em teus lábios ver
O riso – a estrela no horizonte da alma.

Não. Perdeste tua mãe ao fero açoite
Dos seus algozes vis.
E vagas tonto a tatear à noite.
Choras antes de rir...pobre criança!...
Que queres, infeliz?...
- Amigo, eu quero o ferro da vingança.

Recife, 30 de junho de 1865.

<p>Veux-tu, pour me sourire, un bel oiseau des bois, Qui chante avec un chant plus doux que le hautbois, Plus éclatant que les cymbales ? Que veux-tu ? fleur, beau fruit, ou l’oiseau merveilleux ? -Ami, dit l’enfant grec, dit l’enfant aux yeux bleus, Je veux de la poudre et des balles.</p>	
--	--

No poema brasileiro temos a completa assunção do autor quanto à sua fonte. Declaradamente, Castro Alves dá a seu poema o mesmo título do poema francês e utiliza como epígrafe um trecho do mesmo. Porém, enquanto Victor Hugo, canônico, pode permitir-se direcionar sua atenção para batalhas na Grécia, tão em voga na Europa – lembremos que Byron ali morreu guerreando – e epigrafando seu poema com um trecho de Shakespeare – o que lhe consagra universalidade, Castro Alves apodera-se do poema hugoano e aclimata-o, sem nenhum pudor, nenhuma delicadeza, assumindo assim os rumos da literatura nacional, e evidenciando nas palavras da Profa. Maria Cecília, “um constante caminhar para uma expressão independente” (PINTO, 2003, p. 128).

Podemos vislumbrar nesses três exemplos/recortes, uma clara evolução quanto à prática epigrafária: uma certa redução nessa prática, conforme o autor; a predominância evolutiva da substituição do modelo português pelo modelo francês e a ousadia na introdução de recursos estéticos, ora mais sutis ora mais flagrantes com relação ao uso da epígrafe. Constata-se, pois, que o “desvio” dos poetas brasileiros pela Europa foi essencial para o “retorno” a si mesmos na busca de uma literatura dita nacional, no Brasil.

Referências

ALVES, C. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ALVES, M. C. R. *O poeta leitor*. Um estudo das epígrafes hugoanas na obra de Álvares de Azevedo. São Paulo, 1999. 142p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

AZEVEDO, A. Bueno, A. (Org.). *Obra Completa de Álvares de Azevedo*. Nova Aguilar, 2000.

DIAS, G. *Poesia e Prosa Completas*. BUENO, A. (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S.A: 1998.

HUGO, Victor. *Œuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1997. V.1, 2 e 3.

PINTO, M. C. Q. M. Victor Hugo e a poesia brasileira. In: *Lettres Françaises*. Araraquara/São Paulo: UNESP/Fclar. v. 5. p. 117-128, 2003.

RIVAS, P. Paris como capital literária da América Latina. In: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F.; W. (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. São Paulo, EdUSP, 1993. p.99-114.